

Tradição oral na obra infanto-juvenil de Ronaldo Correia de Brito

Mônica MELO¹

Resumo: O artigo propõe uma análise de como a tradição oral de base popular manifesta-se na obra infanto-juvenil do escritor contemporâneo Ronaldo Correia de Brito, a partir dos livros *Arlequim* (2006), *Bandeira de São João* (1996) e *O Baile do Menino Deus* (1995), da trilogia *As Festas Brasileiras* (adaptação para prosa publicada pelas Edições Bagaço), além da novela *O Pavão Misterioso* (Cosac Naify, 2004), todos produzidos em parceria com Assis Lima (*Arlequim* contou também com parceria do músico Antonio Madureira). Para fundamentar o estudo, será abordado o processo de assimilação da cultura popular, respaldada na transmissão oral, pela literatura infantil no Brasil. Além disso, revelou-se oportuno situar a produção de Brito no panorama da literatura destinada ao público infanto-juvenil, bem como os caminhos seguidos pelo gênero nos últimos anos.

Palavras-chave: Tradição oral. Cultura popular. Literatura infanto-juvenil brasileira.

Abstract: The purpose of this article is to analyze the oral tradition, in a popular basis, taking into account the literary work for children and teens written by the contemporaneous author Ronaldo Correia de Brito, using as reference the books “Arlequim” (2006), “Bandeira de São João” (1996) and “O Baile do Menino Deus” (1995), which belong to the trilogy named “As Festas Brasileiras” (a prose adaptation published by Bagaço), besides the novelette “O Pavão Misterioso” (Cosac Naify, 2004). All of them were produced in partnership with Assis Lima (“Arlequim” has been also done in partnership with the musician Antonio Madureira). In order to have the study under a theoretical basis, there will be an approach on the assimilation process of the popular culture, based on oral transmission, via the literature for children in Brazil. Moreover, it was necessary to set Brito’s work in the overview of the literature published for children and teens. This article also mentions different tendencies followed by this kind of literature throughout the past years.

Keywords: Oral tradition. Popular culture. Literatura for children and teens in Brazil.

Introdução

A fim de se desenvolverem reflexões em torno da forma como se contempla a tradição oral na obra infanto-juvenil de um dos mais destacados escritores contemporâneos, caso do médico cearense, radicado em Pernambuco, Ronaldo Correia de Brito, é oportuno reproduzir, de antemão, colocação do próprio autor relacionada à temática e publicada em artigo na coluna Terra Magazine, em 2008. Para ele, é valioso se ater à “maneira como o acervo de contos de tradição oral serviu de arcabouço para a literatura de povos de várias partes do planeta”. Com efeito, esse foi um traço no desenvolvimento da literatura brasileira, sobre a qual influiu a tradição oral esboçada desde o período colonial e respaldada na confluência das correntes culturais das raças que, a nível histórico, marcaram a formação do povo brasileiro: a indígena, a europeia e a africana.

No que toca à literatura oral, o menino colonial tinha a sua disposição todo um acervo de histórias portuguesas, de Trancoso, valores culturais do índio, além de

¹ Jornalista pela UFPE e pós-graduanda em Literatura Brasileira pela FAFIRE

estórias africanas, transmitidas pelas negras velhas e amas de menino, cuja influência no processo de formação infantil e de construção simbólica por meio da transmissão de contos populares é ressaltada por Câmara Cascudo, no prefácio ao seu *Contos tradicionais do Brasil*:

Para todos nós é [o conto popular] o primeiro leite intelectual. Os primeiros heróis, as primeiras cismas, os primeiros sonhos, os movimentos de solidariedade, amor, ódio, compaixão vêm com as histórias fabulosas ouvidas na infância. A mãe-preta foi a Sherazada humilde das dez mil noites, sem prêmios e sem consagrações (2001, p.12).

Não à toa, o folclore brasileiro se projetar como uma miscelânea cultural dos folclores dessas raças formadoras. Arroyo lembra que

não foi privilégio das casas-grandes esse mundo fantasmagórico que a literatura oral insistia em fazer viver junto aos meninos. Ela cobria a grande massa analfabeta, as bibocas dos sertões do centro, Sul e Oeste do País, na permanência da memória coletiva. (1968, p.51)

O autor enfatiza ainda que esse predomínio da literatura oral se reflete nos livros de memórias de escritores nacionais, meninos quando da segunda metade do século 19, e que a reverberação da presença de negras contadoras de estórias pode ser observada, inclusive, quanto à forma de narrar de nossos romancistas.

Interessante é que alguns críticos identificam, na técnica narrativa de alguns romancistas, a influência dessas negras ou mestiças contadoras de estórias, que transmitiram aos meninos, nas constantes de suas narrativas – meninos que mais tarde seriam romancistas – toda a técnica de narração marcada pelos processos de narrativa oral dos contadores e contadores populares do folclore nordestino (ARROYO, 1968, p. 55).

Os valores resguardados pela tradição oral, de base na cultura popular, valores que já flertavam, de certo modo, com o senso do “local”, estenderam-se à literatura impressa e foram contemplados na produção literária de temática infantil.

(...) todo esse imenso repositório de tradições passou a ser valorizado devidamente, não só na literatura em geral, nas artes plásticas, no teatro, como também, e principalmente, na área da literatura infantil de expressão mais moderna. O tema popular, o tema da terra em sua complexa e rica diversificação, reflete-se amplamente na criação literária para a infância entre a maioria de nossos atuais escritores (ARROYO, 1968, p.63).

A apropriação da tradição popular pela literatura destinada às crianças é uma constante desde o surgimento do gênero, algo que remonta ao século 18. Em se tratando de Brasil, no entanto, o país importaria as obras da Europa, dispensando o peculiar e

rico material de seu acervo popular. Se, em consonância com pressupostos do Modernismo no Brasil, recorreu-se para a literatura infantil ao acervo lendário e popular, também é verdadeira e sintomática a continuação do processo de tradução e de adaptação de obras estrangeiras. Mais propriamente a partir da década de 1930, as características do Modernismo, tais como a introdução do coloquial e da oralidade no texto literário, além do resgate do primitivo, encontram mais intensa reverberação na apropriação do folclore brasileiro na construção literária.

Através do aproveitamento do folclore nacional, essas metas encontram um ambiente mais propício para sua efetivação. O resultado é um contraste flagrante com o período anterior, tal a abundância de narrativas de procedência popular, encontradas em especial após a década de 30. Para justificar essa proliferação, é preciso lembrar um segundo fator: a formação da infância brasileira até a década de 30, após a qual se tornou obrigatória a frequência à escola (LAJOLO; ZILBERMAN; 2003, p. 70).

A escolarização no Brasil demandaria obras apropriadas ao público infantil. Surgiram obras ajustadas a pressupostos do Modernismo. O que predominava até então eram os relatos advindos das amas-de-leite, escravas ou ex-escravas. As obras infantis que surgiram atendiam, de certa maneira, à bandeira nacionalista do Modernismo. Emergiam mais referências à cultura popular brasileira, a figuras emblemáticas do folclore nacional, seja o boi, o saci, além de seres que figuram em relatos indígenas e referências ao folclore nordestino.

Mas se faz necessário enxergar o caráter gradativo do processo de incorporação do folclore genuinamente nacional na literatura infantil. Processo marcado inicialmente pelo paternalismo social e preconceito étnico, por meio da introdução nos enredos de velhos e velhas negras que se dedicavam à contação de histórias aos meninos, ficando explícitas suas condições sociais de submissão, aos quais cabia repassar à outra geração o que ouviam. Lajolo e Zilberman (2003) trazem como exemplo de inovação e aproveitamento exitoso de história de base popular e dos pressupostos do projeto modernista o autor Graciliano Ramos, por meio do seu *Alexandre e outros heróis*, de 1944.

A perspectiva com que é focalizada a tradição e o folclore é antes passadista e conservadora que propriamente revolucionária, inovadora ou crítica. Mais uma vez, Graciliano Ramos e Monteiro Lobato salvam a pátria: o segundo por questionar o modo de transmissão de ambos os temas literários, o primeiro por produzir textos que contradizem a regra geral (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.82).

Restando ressaltar que “no decorrer das décadas de 30 e 40, quando a frequência à escola primária se torna obrigatória, o Estado investe na educação e o regime, autoritário e centralizador, explora o veio patriótico e nacionalista” (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.83). A diminuição do espaço atribuído a heróis da pátria, à história oficial na direção de outras temáticas e preocupações, a marcarem a produção literária infantil mais recente, será abordada ao longo deste trabalho, em tópico à parte.

Mergulho no folclore transmitido pelo processo oral

Reconhecido nacionalmente também como contista e romancista, tendo recebido, inclusive, pela incursão na narrativa longa, com *Galileia* (2008), o prêmio São Paulo de Literatura, Ronaldo Correia de Brito tem sólida obra de ficção destinada ao público infanto-juvenil, repertório que abrange, além de livros, discos e espetáculos teatrais – ele que também é dramaturgo. Este estudo contemplará os livros *Arlequim* (2006), *Bandeira de São João* (1996) e *O Baile do Menino Deus* (1995), integrantes da trilogia *As Festas Brasileiras* (adaptação para prosa publicada pelas Edições Bagaço), além da novela *O Pavão Misterioso* (Cosac Naify, 2004), todos produzidos em parceria com Assis Lima (*Arlequim* contou também com parceria do músico Antonio Madureira).

As obras representam um mergulho profundo na tradição popular brasileira, com referências, no caso da trilogia, a ritmos regionais (frevo canção, marcha de bloco, maracatu de baque solto e de baque virado, afoxé, samba, forró), manifestações folclóricas (quadrilha, reisado, pastoril) e personagens (Mateus, Catirina, Jaraguá, La Ursa) que figuram no imaginário nacional, transmitidos, via processo oral, de geração a geração. Com *O Pavão Misterioso*, a imersão de Ronaldo na oralidade se dá por meio da exploração da literatura de cordel. O caráter múltiplo de nosso folclore, dentre as tantas representações criadas por Brito nas obras sob análise, é sintetizado pela presença das três raças que embasam a formação brasileira, na forma dos três Reis Magos citados em *O Baile do Menino Deus*.

A valorização da tradição popular por Brito em sua obra infanto-juvenil está em sintonia com o que Nilo Pereira (*apud* Melo, 1981, p.18), no prefácio ao livro *Folclore Infantil*, acredita ser fundamental ao universo pueril: “Restituir a criança a essa fabulação é reconhecê-la nos seus privilégios essenciais, na sua personalidade própria, na sua maneira de criar ou recriar uma ficção que nenhum mal lhe faz”.

Entre as tradições folclóricas apresentadas por Brito ao seu leitor, por meio da sua trilogia, destaca-se a *Cantiga para acalantar o menino*, em *O Baile do Menino Deus*, os chamados acalantos, segundo Veríssimo de Melo (1981, p. 23). Majoritariamente, as cantigas de ninar foram trazidas de Portugal e aqui se mantêm, passando de “boca em boca”. Como salienta Arroyo (1968, p. 51), houve apropriação pelos velhos negros dessas canções de berço portuguesas, modificando palavras, promovendo adaptações às condições regionais, com alusão às crenças indígenas e às dos próprios negros.

Em *Bandeira de São João*, há referência por meio da canção *Adivinha* a um dos gêneros folclóricos mais presentes entre os brasileiros e é impregnado da influência ibérica: “Adivinha, adivinha/ minha sorte vou tirar./ Adivinha, adivinha/ minha sina qual será. (...)” (BRITO; LIMA, 1996, p. 19).

As adivinhações, tais como as encontramos hoje, na boca das crianças e na voz anônima do povo, guardam ainda, aqui e ali, vestígios daquele mundo fabuloso e distante, anterior aos processos lógicos da análise, em que a decifração dos enigmas constituía a mais alta prova de Inteligência. Porém (...), com a marcha dos séculos as adivinhas decaíram do seu elevado sentido filosófico, chegando aos nossos dias apenas como simples divertimento infantil (MELO, 1981, p. 90).

Outro gênero folclórico infantil trabalhado por Brito na sua trilogia são os jogos populares. Entre os jogos de competição, conforme a classificação proposta por Veríssimo de Melo (1981, p. 127), aparece, em *O Baile do Menino Deus*, a tradicional brincadeira Boca de Forno. Convém mencionar a função socializadora do folclore sobre as crianças, já que, por exemplo, por meio dos jogos populares, elas internalizam certos valores sociais, senso de justiça e refinam sentimentos. É ainda no livro *O Baile do Menino Deus* que figura, como expressão do folclore de criança, a cantiga de roda, por meio da canção *Baile do Menino Deus*: “(...)Cantar, dançar na folia/ Todos vamos, vamos já/ Caboclinhos e ciganas/ Boi, Burrinha e Jaraguá./ Vamos dar a meia volta/ Volta e meia vamos dar” (BRITO; LIMA, 1995, 44).

Melo (1981, p. 165) salienta a importância da cantiga de roda para o desenvolvimento cognitivo e muscular da criança:

Brincando de roda, a criança exercita o raciocínio e a memória, estimula o gosto pelo canto e desenvolve naturalmente os músculos ao ritmo das danças ingênuas. As artes da Poesia, da Música e da Dança uniram-se nos brinquedos de rondas infantis (...).

Não à toa, a canção destacada do livro inclui poesia declamada. Por todas essas referências de Brito, exímio coletor de fontes populares, é possível se dizer que sua trilogia e de seus parceiros pulsa, é coleção maior de livros vivos.

Já em *O Pavão Misterioso*, a valorização da tradição oral por Brito se dá por meio da figura de Antônio Camilo, que tenta resgatar a importância do folheto de cordel, vendido na feira. Consciente do fascínio exercido pela televisão, gibis e videogames sobre as crianças, ele se lança à contação de uma de suas histórias de folheto a um menino curioso. Tomando como referencial a novela de Brito, em parceria com Lima, vale ressaltar que a literatura de cordel suscita a performance oral. Há histórias tradicionais repassadas via processo verbal e que resguardam, antes de tudo, valores, elementos identitários.

A oralidade tem antes de tudo uma vocação identitária, é também o reflexo formalizado e demonstrado das estruturas sociais e simbólicas. Discurso sobre a sociedade, não se trata apenas de um exercício estético ou lúdico. Os gêneros narrativos orais cristalizam a memória coletiva; explicam o presente e a mudança histórica. Assim, a atualização dos relatos pela performance oral permite compreender a persistência das tradições narrativas (ZUMTHOR, 1983, p. 53, *apud* CAVIGNAC, 2006, p.248).

Brito e a Literatura infanto-juvenil contemporânea

Inserido entre os propósitos deste estudo está o esforço em situar a obra ficcional para o público infanto-juvenil produzida por Ronaldo Correia de Brito dentro da cena contemporânea de produção no gênero, e na esteira dessa empreitada, tentar sinalizar as veredas pelas quais o segmento investiu nos últimos anos e terminou por se investir de novo fôlego.

Lajolo e Zilberman (2003, p.140) trazem como traço da literatura infantil contemporânea, a partir da década de 1960, a abordagem pelos autores de um mundo em crise. Por isso, é bastante contundente o comentário do escritor em estudo quanto à sua capacidade de resgatar e celebrar valores como a família na obra *O Baile do Menino Deus*. Em entrevista ao Jornal do Commercio, por ocasião da reedição do livro citado pela editora Objetiva, Brito aponta:

Uma das sequências mais importantes do reisado, um auto popular de rua, se desenvolve em torno da ação de abrir a porta de uma casa, para que a brincadeira se realize e o divino seja celebrado. Criamos o *Baile* a partir desse jogo e da coragem - coisa rara nos tempos de hoje- de celebrar valores sagrados, como a família representada por José, Maria e o Menino. De início,

alguns amigos ficaram temerosos de que já não houvesse lugar para esses símbolos desbaratados pela pós-modernidade. Nós apostamos que sim e ganhamos. O *Baile* nos superou. É maior do que seus autores. Virou uma obra de domínio público com os autores vivos².

O selo editorial pretende colocar no mercado novas edições da produção infanto-juvenil de Brito, em que pesem o valor atribuído ao projeto gráfico e a atratividade exercida pelas ilustrações, este, considerado outro forte traço dos livros infantis contemporâneos. O aspecto visual de uma obra, de simples alicerce ao conteúdo textual, passa a ser considerado repositório de sentidos, praticamente dotado de autonomia. Em consonância com a cultura de massas, é possível a identificação, ao longo das últimas décadas, de histórias inclinadas ao suspense policial e à ficção científica.

A renovação literária que ganhou fôlego na contemporaneidade apontou para uma revisão ao universo fantástico tradicional e para uma representação do mundo mais realista. A autora Ana Maria Machado propõe, por exemplo, em *História meio ao contrário* (1979), um conto de fadas às avessas. O livro *Arlequim*, do autor em estudo, põe em destaque este “anti-herói”, o Mateus, que leva vantagem sobre os outros. Um malandro bem ao jeitinho brasileiro. Com a mesma perspicácia, consegue, ao final, contornar os problemas nos quais se envolveu.

Como apontam Lajolo e Zilberman (2003, p.128), “ao lado, e além de todas essas tendências, algumas obras infantis contemporâneas apontam para outros caminhos que sugerem o esgotamento da representação realista”. Entre os livros no segmento infanto-juvenil de Ronaldo Correia de Brito destaca-se como exemplo, nesse sentido, a novela *O Pavão Misterioso*, também produzido, conforme já mencionado, em parceria com Assis Lima. No caso, vale ressaltar a maneira como os autores conferem novo vigor às formas da literatura popular, como o folheto de cordel, na sua utilização em projeto de ficção infanto-juvenil. Ainda sobre a mesma obra, convém mencionar a forma como eles revalorizam também o elemento mágico. No enredo, um herdeiro de grande fortuna da Turquia recorre a uma invenção de um engenheiro, justamente o pavão misterioso, que monta, desmonta e voa, para libertar do cativo uma bela condessa da Grécia. Já em *Bandeira de São João*, o elemento mágico é explorado por meio do pássaro falante, seres da noite, a boneca de milho andarilha. Brito recorre ao mítico em *Bandeira de São João*, por meio da figura de São João Menino, e em *Arlequim*, com o aparecimento do diabo.

² Brito afirmou essa posição em entrevista ao Jornal do Commercio, publicada no dia 21 de abril de 2011

Até 1960 eram comuns à poética infantil o conservadorismo na forma e o caráter pedagógico. A poesia contemporânea se inclina a ilustrar o cotidiano da criança e a trabalhar o elemento anticonvencional na representação do real. Marca a poesia brasileira de produção mais recente a atribuição de características humanas a animais, refletindo o olhar ingênuo do pequeno sobre o mundo.

Atribuindo aos animais o dom da palavra (...) ou fazendo-os personificar vícios e virtudes humanos, a antropomorfização está presente em grande número de textos de origem folclórica e popular, inspiradores de poemas infantis. (...) Os animais evocados nos melhores textos contemporâneos escapam do contexto conservador, onde a humanização dos bichos sublinha comportamentos quase sempre conformistas e estereotipados. (...) os bichos protagonizam situações que se afastam do convencional e, com isso, mergulham a poesia infantil contemporânea num clima insólito e de estranhamento, caros à modernidade (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p.151)

Em *O Baile do Menino Deus*, a burrinha Zabilin é faceira e é evocada com a missão de dançar, na tentativa de solucionar para as crianças o mistério de como abrir a porta na brincadeira do Reisado. Os versos que contemplam a divertida figura foram musicados: “Zabilin-tin-tin/ Tin-tin/ Tin-tin/ Minha burra faceira (...)” (BRITO; LIMA; 1995, p.24).

São, assim, muitas as formas pelas quais o texto infantil contemporâneo busca romper com a esclerose a que o percurso escolar e o compromisso com uma pedagogia conservadora parece ter confinado o gênero. (...) após ter conquistado a duras penas o direito de falar com realismo e sem retoques da realidade histórica, e ao mesmo tempo que redescobre as fontes do fantástico e o imaginário, a literatura infantil contempla-se a si mesma em seus textos (LAJOLO; ZILBERMAN, 2003, p. 161).

Possibilidades múltiplas às quais o escritor dedicado ao gênero infanto-juvenil na contemporaneidade recorre na tentativa de ensejar, ainda em tom educativo, o conhecimento de mundo e a fabulação, num diálogo genuíno em prol da formação do seu leitor, no refinamento dos seus anseios, sentimentos e valores de ordem social.

Considerações finais

A obra infanto-juvenil do autor contemporâneo Ronaldo Correia de Brito, inspirada na tradição popular, resgata a base da nossa literatura, que se ancorou na interação das três correntes culturais de indígenas, portugueses e africanos e no conjunto simbólico de transmissão oral oriundo desse contato.

Assim, além de representante singular de uma produção literária no gênero infanto-juvenil, que valoriza a tradição folclórica e a literatura popular, favorecendo a fabulação à criança e o sentido de identidade, Brito, com sua obra, reflete características da criação que vem marcando o segmento nos últimos anos, caso da revalorização do fantástico, da importância atribuída ao aspecto visual da obra, além do aproveitamento diferenciado do acervo popular.

Referências

ARROYO, Leonardo. **Literatura infantil Brasileira**: ensaio de preliminares para a sua história e suas fontes. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

BRITO, Ronaldo Correia de. A presença da tradição oral na literatura infantil. **Terra Magazine**. Recife, 30 abril 2008. Disponível em: <<http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI2856766-EI6788,00-A+presenca+da+tradicao+oral+na+literatura+infantil.html>>. Acesso em: 27 abril 2011.

_____. Sob o encanto de uma fábula. **Jornal do Commercio**, Recife, Caderno C, p. 1, 21 abril 2011. Entrevista concedida a Schneider Carpeggiani.

BRITO, Ronaldo Correia de; LIMA, Assis. **O baile do Menino Deus**. Recife: Bagaço, 1995.

_____. **Bandeira de São João**. Recife: Bagaço, 1996.

_____. **O Pavão misterioso**. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

BRITO, Ronaldo Correia de; LIMA, Assis; Madureira, Antonio. **Arlequim**. Recife: Bagaço, 2006;

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicional do Brasil**. São Paulo: Global, 2001.

CAVIGNAC, Julie. **A literatura de cordel no Nordeste do Brasil**: Da história escrita ao relato oral. Tradução: Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, Editora da UFRN, 2006.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **Literatura infantil brasileira**: história e histórias. São Paulo: Ática, 2003.

MELO, Veríssimo de. **Folclore infantil**: acalantos, parlendas, adivinhas, jogos populares, cantigas de roda. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, sd. Biblioteca de Estudos Brasileiros, v. 20, 1981.